

A INFLUÊNCIA DO SISTEMA LAGUNAR DO BAIXO GUADIANA NO POVOAMENTO DE CACELA-A-VELHA NO PERÍODO MEDIEVAL

Cristina Tété Garcia ¹ (cgarcia@culturalg.gov.pt)

¹ DRCAIlg - Direção Regional de Cultura do Algarve, Rua Prof. António Pinheiro Rosa, nº1, 8005-546, Faro. CEAACP - Centro de Estudos, Arte e Arqueologia e Ciências do Património

RESUMO

A edificação do Castelo de Cacela na época medieval islâmica esteve intimamente relacionada com a relação estratégica do lugar, com a navegabilidade do antigo rio de Faro, actualmente integrado no sistema lagunar da ria Formosa e com a proximidade e acesso ao rio Guadiana. A actividade portuária colocou o castelo de Cacela na rede de navegação do golfo ibero-marroquino, tendo atingido o seu momento mais alto de crescimento demográfico no período almôada, a partir da segunda metade do século XII até à conquista cristã. O castelo de Cacela foi conquistado pelas milícias da ordem de Santiago em 1238-1240, acção que isolou o território algarvio dos restantes reinos muçulmanos ibéricos. O Algarve foi integrado no reino de Portugal após a queda de Faro em 1249. Desde então, o progressivo assoreamento do sistema lagunar, influenciado pela actividade humana, reduziu a navegabilidade nos esteiros, tendo consequências na actividade portuária de Cacela, cuja função foi alterada para a vigilância costeira.

Palavras-chave: Cacela-a-Velha; Rio Guadiana; Medieval; Navegação.

The influence of the low Guadiana lagoonal system in the Cacela-a-Velha settlement in medieval period

ABSTRACT

The construction of the Castle of Cacela in the Medieval Islamic period was related to its strategic position, the navigation in the ancient Faro's river and its proximity and access to the Guadiana River. Cacela's port activity placed it in the network navigation of the Iberian-Moroccan gulf and the place reached its highest demographic growth in the Almohad period, from the second half of the 12th century until the Christian conquest. The castle of Cacela was conquered by the militias of the Order of Santiago in 1238-1240, isolating the Algarvian territory from the other Iberian Muslim kingdoms. The Algarve was integrated into the kingdom of Portugal after the fall of Faro in 1249. Since then, the progressive silting of the lagoonal system, influenced by the human activity, has reduced seaworthiness in the estuary, with consequences on the port activity of Cacela, whose function was changed to coastal surveillance.

Keywords: Cacela-a-Velha; Guadiana River; Medieval Period; Navigation.

19

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O Algarve integra o território marítimo e costeiro do golfo ibero-marroquino, parcela marginal do oceano Atlântico, em forma de “fundo de saco”. Denominado *sinus gaditanus* por Estrabão, este mar era bem conhecido do mundo antigo antes da conquista romana (Figura 1). Os seus limites abrangem a sul o Rif marroquino, a norte o Promontório Sagrado, o Algarve e a Andaluzia e estendem-se para leste até ao Estreito de Gibraltar, que comunica com o mar Mediterrâneo.



Figura 1. Localização de Cacela.

O Promontório Sagrado situava-se no extremo ocidental do Algarve, foi descrito por Avieno no séc. IV d.C.: “... lá onde declina a luz sideral, emerge altaneiro o cabo Cinético, ponto extremo da rica Europa, e entra pelas águas salgadas do Oceano povoado de monstros” (BARATA, 1997: 118).

Assim, os povos marítimos e comerciantes teriam difundido superstições e histórias de medo sobre este Mar Tenebroso com o propósito de resguardar o mercado oceânico.

Estrabão no séc. I d.C. descreveu na sua obra *Geografia*, a Turdetânia, entidade geográfica e política que abrangia a costa do sudoeste ibérico (Algarve e Andaluzia): “...A Turdetânia é uma região extremamente próspera; e porque produz todas as coisas e em grande quantidade, esta prosperidade é duplicada pela exportação; porque o que sobra dos produtos vende-se facilmente dado o

grande número de navios mercantes. Isto torna-se possível graças aos rios e também aos estuários, que, como já se disse, parecem rios e como rios são navegáveis, não só com barcos pequenos, mas também com barcos grandes, desde o mar até às cidades do interior, porque é plana em grande extensão toda a costa entre o Cabo Sagrado e as Colunas” (BARATA, 1997: 126).

Este território apresenta características climáticas muito próprias, decorrentes do encontro dos dois ambientes naturais, o Atlântico e o Mediterrâneo. Compõe-se de um mosaico de regiões único e singular, pela estrutura dos seus fundos oceânicos, pela ecologia da paisagem, pela história e pelo equilíbrio instável do território. Uma combinação de factores físicos e humanos, da qual se conhece parcialmente o significado (VANNEY & MÉNANTEAU, 2004: 30-37).



Figura 2. Carta corográfica do Algarve desenhada por José Silva Lopes, 1842 (□ - Localização de Cacela).

Encaramos como base geográfica do nosso estudo, o território costeiro do sudoeste da Península Ibérica, correspondente ao *Gharb-al-Andalus* na época islâmica. O *Gharb* abrangia os territórios de Cádiz, Mérida/Badajoz, Niebla, Huelva/Saltés, Santa Maria de Faro, Lisboa, Beja e a “cidade luz”

Sevilha. Sevilha era desde o califado omíada (séc. VIII/IX), um centro de governo e influência.

O Algarve, antiga província de *Ossónoba* ou Santa Maria de Faro é um território de 5.000 km² (Figura 2).

A geomorfologia determinou a definição de

paisagens bem distintas: a serra, constituída por xistos e grauwauques do Paleozóico; a zona intermédia do barrocal, abrangendo os calcários e dolomitos jurássicos; e o litoral, que corresponde aos depósitos menos coerentes (argilas, arenitos e calcarenitos) do Cretácico e Cenozóico (RAMALHO, 1987: 190-191; KOPP *et al.*, 1989: 9).



Figura 3. Cacela-a-Velha, foto de Lúcio Alves, 2000.

“O litoral algarvio goza de condições climáticas especiais, devido ao efeito moderador do Atlântico, e ainda à protecção oferecida pelas serras, cujo desenvolvimento este-oeste abriga aquela região dos ventos e da precipitação dos quadrantes de norte. O clima do litoral do Algarve é influenciado durante o Verão pelas brisas marítimas diurnas, que amenizam as temperaturas e, durante o Inverno, as serras de Monchique e do Caldeirão limitam os efeitos das massas de ar polar continental, frio e seco, abrigando-o da Nortada que caracteriza de forma geral a faixa costeira ocidental” (ANDRADE, 1990: 85).

A povoação de Cacela encontra-se protegida das águas oceânicas pela península de Cacela que integra o cordão dunar da Ria Formosa desde a época romana. A península de Cacela foi uma ilha-barreira, que no final da época medieval se terá deslocado e unido à linha de costa da laguna. Liga a nascente com a praia da Manta Rota e, a poente, encontra-se separada da ilha de Tavira pela barra do Ladem.

O Castelo de Cacela está implantado sobre a arribas costeiras à cota de 26 metros, dominando uma vasta extensão de mar entre a foz do Guadiana e a

cidade de Tavira (Figura 3).

No séc. XII, o geógrafo tunisino Al-Idrīsī descreveu desta forma o lugar: “*Cacela é uma fortaleza à beira-mar. Está bem povoada e há nela muitas hortas e campos de figueiras*” (COELHO, 2008: 51).

De facto, na época de domínio islâmico, o castelo de Cacela administrava um vasto território rural delimitado pelo rio Guadiana a oriente, a ribeira do Almargem a poente e o rio Vascão a norte, abrangendo uma zona serrana, barrocal e uma extensa orla costeira.

MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO

Trabalhos arqueológicos e resultados obtidos

As campanhas arqueológicas realizadas entre 1998 e 2007 em Cacela-a-Velha (GARCIA *et al.*, 2013) ocorreram em distintos níveis topográficos, desde o ponto de maior altitude, o Cemitério Velho, depois o Largo da Fortaleza, a Muralha Norte e na zona ribeirinha, o Poço Antigo (Figura 4). Permitiram identificar níveis de ocupação humana desde o período romano ou da Antiguidade tardia (séc. VI-VII), período medieval islâmico, período medieval após a conquista cristã, século XVI e o nível de destruição do Grande Terramoto de 1755 (GARCIA, 2015).

A descoberta da Muralha Norte, uma construção com 2 metros de largura, demonstrou a existência da alcáçova de *Qastalla Darrag*. As diferentes etapas de construção e reconstrução em alvenaria e taipa verificadas na estrutura atestam a sua longevidade.

A conjugação dos dados arqueológicos permitiu colocar hipóteses sobre a funcionalidade dos espaços no interior da alcáçova, identificando-se assim uma plataforma superior, onde poderia situar-se o alcácer, a plataforma intermédia agregaria a mesquita, a habitação senhorial, os silos de reserva de cereais da fortaleza e uma plataforma inferior com as residências militares junto da muralha norte. Os silos foram utilizados como lixeiras na fase almóada final e entulhados num tempo curto. Algumas camadas superiores destes silos deverão corresponder já à fase portuguesa de Cacela.



Figura 4. Microtoponímia de Cacela-a-Velha.



Figura 5. Bairro islâmico do Poço Antigo, foto de C.T.G., 2000.

Extra-muros, o bairro portuário seria constituído por construções com diversas funcionalidades (Figura 5). O Bairro Islâmico do Poço Antigo localiza-se em zona ribeirinha, tendo sido postos a descoberto um conjunto habitacional de tipologia urbana, com a característica casa de pátio interior, vias de circulação e sistema público

de drenagem de águas pluviais (GARCIA, 2016). O estudo da arquitectura, técnicas construtivas, materiais arqueológicos, como os elementos metálicos de adorno, os ossos trabalhados e, claro as cerâmicas, integra os habitantes de Cacela no modo de vida do al-Andalus nos sécs. XII e XIII (Figura 6).



Figura 6. Peças cerâmicas encontradas no bairro islâmico do Poço Antigo, Cacela-a-Velha.

A louça doméstica enquadra-se nos modelos característicos da época, abundante nas povoações do sudoeste peninsular, confirmando a sólida rede de comunicação existente no império almóada.

As talhas estampilhadas e a louça de mesa são peças que se encontram normalmente associadas aos centros urbanos de Silves, Saltés, Niebla, Cádiz e Sevilha, denotando requinte em alguns ambientes domésticos em Cacela.

Os trabalhos arqueológicos comprovaram, deste modo, a presença islâmica em Cacela, cuja povoação transpunha os limites do povoado actual.

O estudo da fauna de invertebrados¹ (GARCIA *et al.*, 2012; VALENTE *et al.*, 2013), recolhida nas escavações arqueológicas, resultou em mais de 9 mil restos determinados e a lista taxonómica obtida é muito vasta, com mais de 40 espécies. Entre os restos de peixes recolhidos em Cacela, puderam ser identificadas douradas e raia, denotando que haveria pesca na ria ou próximo da costa. Encontraram-se vestígios de bivalves em quantidades que atestam o seu elevado consumo por esta comunidade. As espécies predominantes são o berbigão (*Cerastoderma edule*), a conchilha (*Donax trunculus*) e a ostra (*Ostrea edulis*).

O estudo das fontes escritas

A interpretação histórica decorre do cruzamento de informação e dados entre os resultados dos trabalhos arqueológicos, o estudo, análise das fontes escritas e da cartografia antiga.

O porto de mar de Sevilha seria a base do intercâmbio inter-regional e além-mar, um dos melhores portos da península ibérica, onde os grandes navios podiam fundear (CRÓNICA GERAL DE ESPANHA, 2009: 69; AL-IDRĪSĪ, 1866: 214; LÉVI-PROVENÇAL, 1953: 93).

O rio Guadiana era um elemento dinâmico na ligação entre as populações locais e este comércio inter-regional. Passava-se de barca em diferentes sítios na zona de Castro Marim, como o cais do “Porto velho”, o “porto do Carvalho”, o “porto do Bufo” e o porto do Azinhal. E antigas vias romanas ligavam as margens por via terrestre às povoações

da região². Os vestígios arqueológicos e análise histórico-geográfica indiciam a existência de uma via que ligava a São Bartolomeu, Cacela e seguia junto à costa para Tavira, Faro e para as povoações costeiras do barlavento algarvio (ALARCÃO, 1988: 101; GARCIA, 2008: 100, 126; SILVA, 2005).

Al-Idrīsī, na sua descrição geográfico-marítima da costa do *Gharb-al-Andalus* (o ocidente do *al-Andalus*), refere que o castelo de Cacela seria o primeiro porto marítimo de entrada no território a ocidente do rio Guadiana, a seguir ao porto de Saltés (AL-IDRĪSĪ, 1866).

Roger de Howden, cruzado nórdico que, cerca de 1191-1193, viajava por mar para a Terra Santa, passou ao longo da costa sul da península ibérica. Descreveu os portos por onde passava e avistava ao longe, confundindo por vezes o nome dos lugares e as distâncias entre si. Identificou os cordões dunares que abrigavam rios interiores ou canais, aos quais se acedia por entradas naturais, as barras. Por exemplo, no algarve oriental, a barra de acesso a Santa Maria de Faro conduzia a um rio, por onde as embarcações podiam navegar na direcção oeste ou este da cidade. Como existiam dificuldades na navegação no vazar da maré, a cidade teria o seu porto a uma distância de três milhas.

Tavira era conhecida por ter um “bom porto”. Cacela era referida como o “porto bom” do rio Guadiana, um rio largo e profundo que dava acesso a Mértola³. Passando a foz do Guadiana, o cruzado referiu alguns pontos conspícuos na navegação até atingir o porto e castelo de Huelva-Saltés e finalmente Sevilha (DALCHÉ, 2005).

Os cruzados frísios que em 1217 fizeram o

¹ Pelo núcleo de Zooarqueologia da Universidade do Algarve, coordenado por Maria João Valente. Ver VALENTE *et al.*, 2013.

² O registo de bens da Comenda de Castro Marim de 1503 refere o cais do “Porto velho”, o “porto do Carvalho” e o “porto do Bufo” (SILVA & PIMENTA, 1992: 85, 93). A Carta Corográfica de Silva Lopes de 1842 tinha a indicação do porto do Azinhal. Existe um troço de via romana no lugar de Sobral de Baixo, em Castro Marim, referenciado na base de dados Endovélico com o código CNS1213.

³ No texto original: (...) *Deinde in eaden Hyspania prope mare est ciuitas magna et castellum, clausa muro distans a Taire per quinque miliaria, que dicuntur Mertel, ibi est bonus portus qui dicitur Castane in portu Dyane. Deinde in eaden Hyspania est portus latus et profundus qui dicitur Hodiene, distans a Mertel per VIII miliaria. Deinde in eadem Hyspania est bonus portus qui dicitur Calite, distans a portu Hodiene per x miliaria, et ad introitum illius portus est castellum quod similiter dicitur Calite* (Dalché, 2005).

percurso em direcção à Terra Santa, depois de saquearem Santa Maria de Faro, saíram da barra entre Olhão e Armona e navegaram para oriente, reconhecendo a praça-forte de Cacela e depois Saltés: “... Depois desta acção, o primeiro de Agosto, dia de São Pedro, ad vincula, retomamos o nosso derroteiro, deixando à esquerda todas aquelas cidades e praças-fortes a saber: Olhão (?), Armona (?), Cacela, Saltes” (ALEMPARTE, 1999: 99).

Após a conquista cristã do território algarvio (1249, com a tomada de Faro), o rei D. Afonso III de Portugal fez doação dos castelos de Cacela e Aiamonte “com as suas entradas e saídas por mar e por terra” à ordem militar de Santiago em 1255, (VENTURA & OLIVEIRA, 2006, vol.2: 270-273; Figura 7). Esta expressão confirma a importância destes castelos no controlo e vigilância dos acessos marítimos ao rio Guadiana.

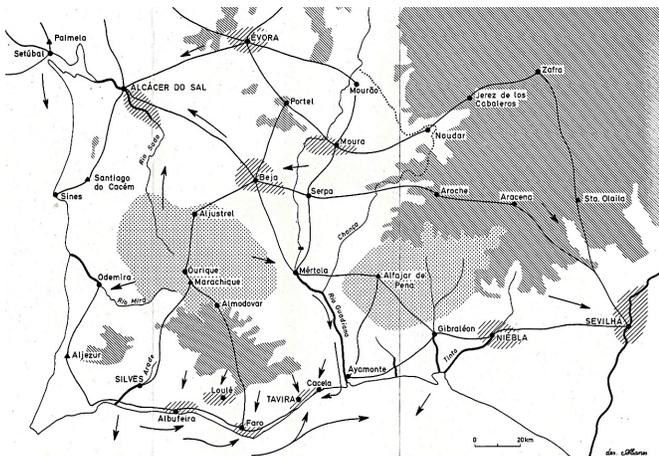


Figura 7. As vias terrestres e marítimas na Idade Média (GARCIA, 1986).

Simultaneamente, o monarca proibiu a saída por mar e por terra de prata em barra ou moeda, peles, panos de côr, coiros, cera e mel, excepto os portos por onde entrassem panos de França. Neste documento foram enumerados os portos marítimos e alguns portos secos, constando no Algarve oriental, os portos de Santa Maria de Faro, Tavira, Cacela e Aiamonte (MARQUES, 1944: 9).

A política régia de controlo económico e militar do rio Guadiana ganhou novo impulso quando Afonso III negociou em 1272 uma composição com a Ordem de Santiago, em que esta renunciou às doações de Tavira e Cacela, retendo os respectivos direitos de padroado, bem como das igrejas de Castro Marim e de Santa Maria de Faro (VENTURA

& OLIVEIRA, 2006, vol.2: 303; LIVRO DOS COPOS, 2006: 699).

Em 1274, o rei empenhava-se em promover o povoamento do cabeço de Castro Marim, na margem do rio Guadiana (BARROCA, 2000: 982). E em 1277, concedeu carta de foral com o objectivo de criar uma vila aduaneira e portageira das actividades do Guadiana e seus esteiros.

A análise da cartografia e discussão

O rio Guadiana, estreito e profundo, localizado em zona de clima bastante seco, tinha caudal muito variável, com períodos de estiagem prolongados, seguidos, por vezes, de grandes cheias. Tem estuário do tipo mesotidal típico, fazendo-se sentir os efeitos das marés até ao Pomarão. No seu curso predominavam os ventos de Norte e Sudoeste, seguidos, em frequência, pelos ventos mediterrânicos de Sudeste (CAMACHO, 2004).

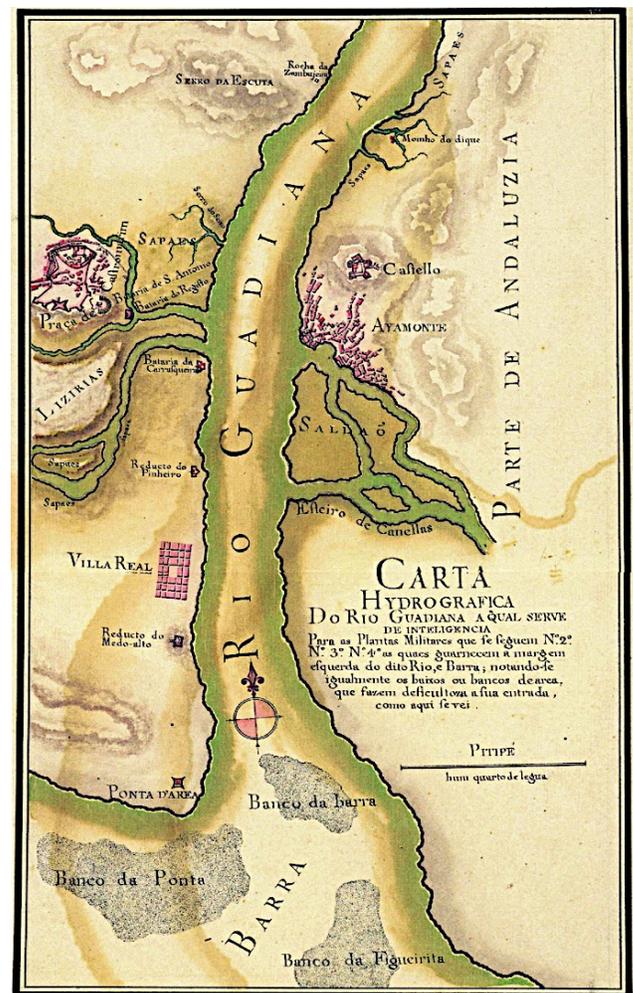


Figura 8. Carta Hidrográfica do Rio Guadiana, segunda metade do séc. XVIII. Instituto Geográfico e Cadastral.

O estuário do Guadiana era formado por um conjunto lagunar, corpos aquosos pouco profundos (canais e esteiros) confinados por bancos arenosos e restingas “definindo um ambiente dinâmico particular”: os ventos predominantes de sudoeste

eram responsáveis pela corrente e transporte de sedimentos para este, pelo que os bancos de areia estavam em permanente mudança e os canais em migrações rápidas (ANDRADE, 1990; BOSKI *et al.*, 2002; Figura 8; Figura 9).

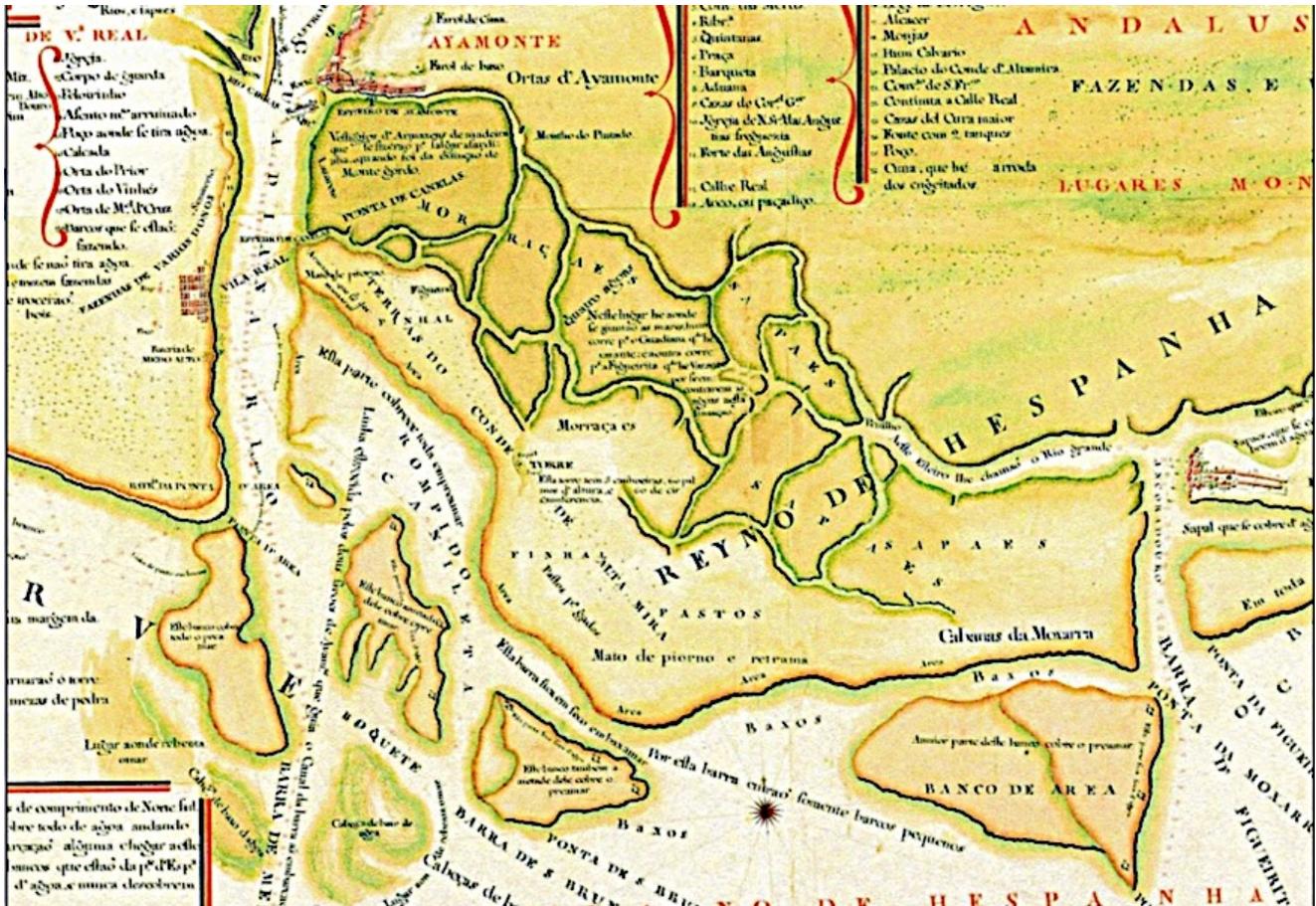


Figura 9. Detalhe do sistema lagunar do Guadiana e esteiros de acesso ao mar no lado oriental. Fonte: Mapa Hidrográfico do Algarve, 1793. Instituto Geográfico e Cadastral.

O fluxo morfológico constante da embocadura do Guadiana constituía um perigo para a navegação.

A Carta Topographica desenhada em 1775 pelo Eng.º José de Sande Vasconcelos representa os esteiros de Alvacete e da Judia que seguiriam para o mar pelos sítios da Casa da Audiência e do Cabeço⁴ (Figura 10). Próximo deste lugar estaria situada o

extremo oriental da ilha-barreira de Cacela que se estendia até ao estuário de Tavira, partindo dali novo cordão arenoso paralelo à costa até Faro⁵. Nesta ponta oriental, a barra de maré que fazia a ligação entre o oceano e a laguna interior, as embarcações tinham acesso ao canal navegável denominado rio de Faro⁶. Assim, a actual península

⁴ A Carta Topographica desenhada em 1775 pelo Eng.º José de Sande Vasconcelos representa os esteiros de Alvacete e da Judia que poderiam fazer a ligação entre o esteiro da Carrasqueira e o mar pela Casa da Audiência. A poente, o topónimo Lagoa referencia um dos vários lagos pequenos de água salobra existentes na vizinhança do estuário do Guadiana (BOSKI *et al.*, 2002). Recorda-se que esta carta foi desenhada após o Terramoto de Lisboa, cataclismo que alterou de forma permanente a geografia costeira da região algarvia.

⁵ César Andrade concluiu que a península de Cacela já tinha sido ilha, cuja barra terminal sofreu episódios sucessivos de desactivação. A praia da Manta Rota resultou da deslocação do cordão arenoso de Cacela para terra, formando plataforma litoral (ANDRADE, 1990: 65-66; 375-388).

⁶ A Configuração Corográfica do Reino do Algarve datada de 1786, desenhada por José de Sande Vasconcelos, exhibe a antiga barra de Cacela com a legenda: “barra velha entulhada” (Figura 11).



de Cacela já foi ilha, cuja barra terminal sofreu episódios sucessivos de desactivação (Figura 11). A praia da Manta Rota resultou da deslocação deste cordão arenoso para terra, formando plataforma litoral (ANDRADE, 1990: 65-66; 375-388). Recordamos que

estas cartas foram desenhadas após o Terramoto de Lisboa, cataclismo que alterou de forma permanente a geografia costeira da região algarvia, pelo que são um valioso testemunho desta mudança, tanto mais que registam com rigor a realidade física.

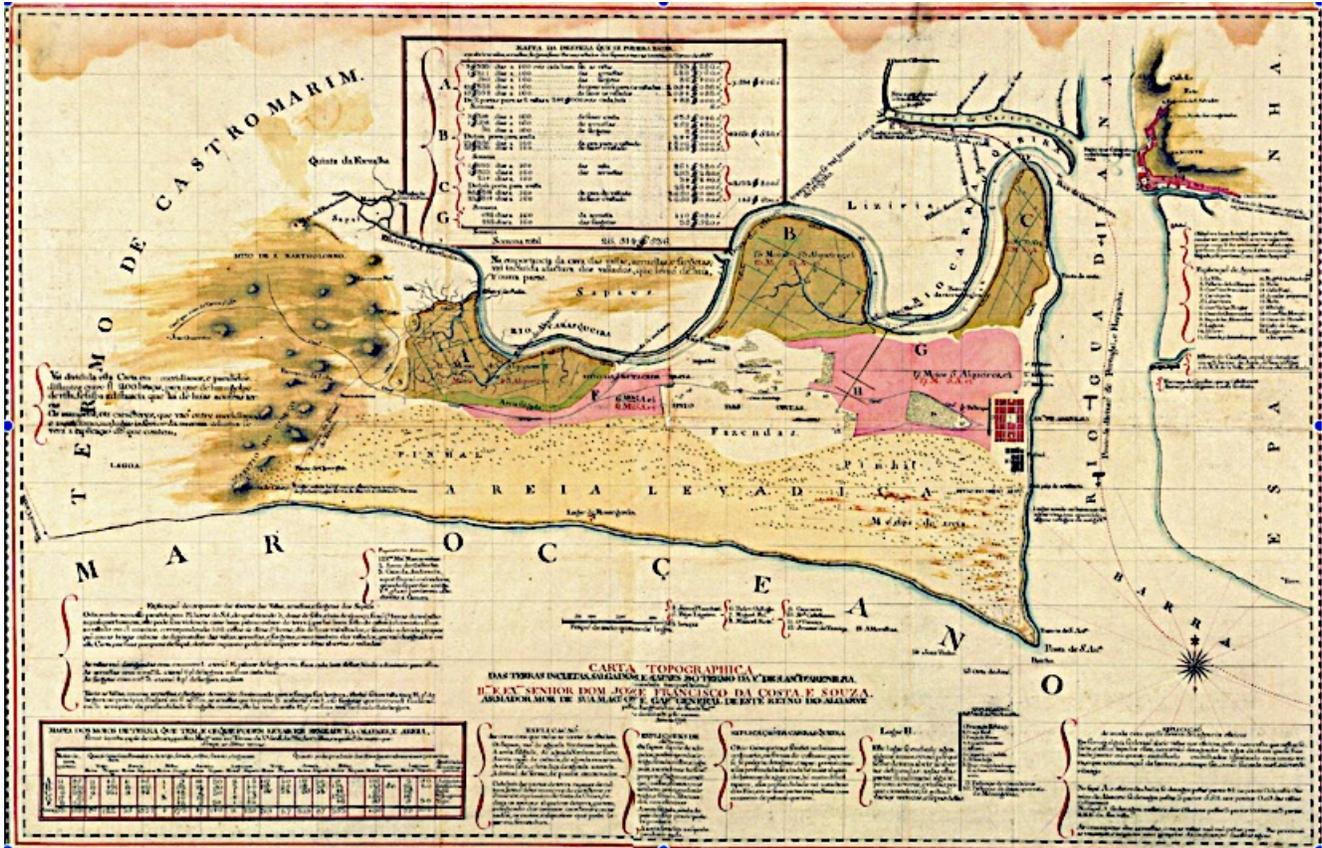


Figura 10. A este do Cabeço, a zona baixa onde passava a antiga demarcação do limite do termo de Cacela pode ter correspondido a linha de água que ligava o mar aos esteiros da Judia e Alvacete. Fonte: Carta Topopgraphica das Terras Incultas e Sapais do termo da Vila de Santo António de Arenilha, 1775. Instituto Geográfico e Cadastral.

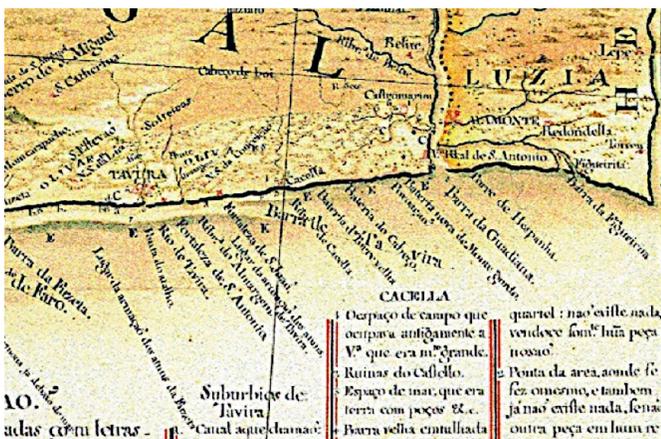


Figura 11. Excerto de mapa com a barra nova de Tavira e número 4 que representa um canal paralelo à costa com a legenda: “barra velha entulhada”. Fonte: Configuração Corográfica do Reino do Algarve, 1786. Instituto Geográfico e Cadastral.

Neste esboço, em que existiu a preocupação de registar as zonas arenosas, o sistema lagunar e o delta do Guadiana estão unidos.

Assim, a nascente, as embarcações procuravam aceder ao Guadiana pelo esteiro de maré de Canelas, que serpenteava até ao castelo de Aiamonte (ver Figura 9). O limite oriental deste sistema situava-se na ilha de Higerita (actual isla Cristina).

A nossa proposta é que a poente, o Esteiro da Carrasqueira, canal navegável na Idade Média, poderia fazer a ligação entre o Guadiana e o rio de Faro, por canal de maré situado sensivelmente a oeste da aldeia piscatória de Monte Gordo. Assim, o limite ocidental do delta do Guadiana poderia situar-se na zona da Casa da Audiência, onde

começa o sistema dunar recente de Monte Gordo.

Defendemos que o porto de Cacela na época medieval acolhia as embarcações que teriam de aguardar por condições favoráveis para subir o Guadiana, com acesso ao porto de Mértola e às

terras do interior do Alentejo e controlava a navegação no canal interior do rio de Faro até Santa Maria de Faro ou Farrovilhas, abrigada da pirataria oceânica (Figura 12).

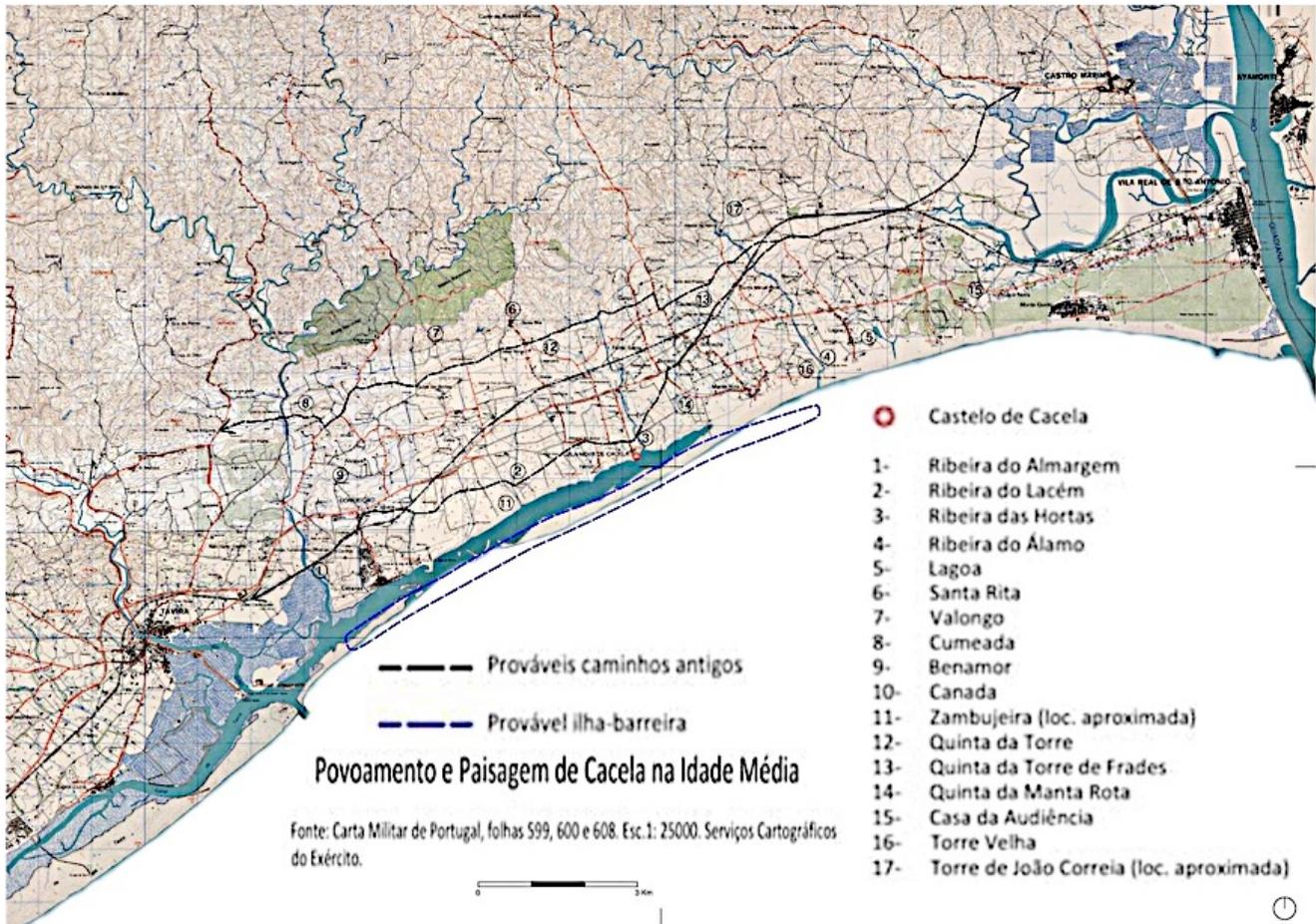


Figura 12. Reconstituição da ilha-barreira de Cacela e vias terrestres locais.

As fontes documentais reportam esta actividade fundamental de navegação no Baixo Guadiana através dos esteiros e canais. O acordo assinado em 1288, entre os representantes régios de Portugal e Castela, estando presentes as vilas de Aiamonte, Castro Marim e Tavira (por esta altura, o castelo de Cacela era pertença do monarca), determinou a livre e segura circulação de barcas e baixeis e de todos os que quisessem sair ou entrar, com ou sem mercadorias, “... de um castelo como do outro (...) pelas fozes e pelos esteiros” (MARQUES, 1944: 273-274).

A carta de confirmação da doação real do castelo e vila de Cacela à Ordem de Santiago em 1297, incluía a expressão “com suas entradas e

sapais” (CAVACO, 1984: 62), referindo-se, em nossa opinião, à importante actividade portuária de Cacela.

Esta rede de sapais e esteiros começou cedo a ser afectada por factores diversos que contribuíram para o seu assoreamento: factores naturais, actividades das salinas, moinhos de maré, a realização de aterros para a actividade agrícola (SILVA & PIMENTA, 1992; BORJA *et al.*, 1999: 339) e a ocupação antrópica moderna.

A obliteração da barra oriental do sistema de ilhas-barreira terá acontecido com os tsunamis de 1722 e 1755 (ANDRADE, 1990: 67, 72).

A cartografia mais antiga conhecida foi produzida nos Países Baixos nos séculos XVI-



XVII, da autoria de cartógrafos como Fernando Alvares Seco (f. 1559-1661⁷, Lucas Jansz Waghenaer (1533-1606)⁸ e Pedro Teixeira Albernaz (1595-1662)⁹. Apesar da falta de rigor e semelhança dos traçados, a representação cartográfica do cordão arenoso do Rio de Faro¹⁰ prolongava-se até ao estuário do Guadiana. O mapa da Península Ibérica desenhado por Carel Allard e Luggert van Anse por volta de 1703-1704¹¹, logo, antes do terramoto, apresenta o delta alargado do Guadiana em conexão com o rio de Faro.

Os trabalhos recentes realizados no domínio da geomorfologia no estuário do Guadiana, nomeadamente por Tomasz Boski e outros investigadores da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade do Algarve, têm alcançado resultados muito interessantes, dando um contributo igualmente importante para a caracterização do povoamento humano, sua adaptação às alterações do meio ambiente e actividades relacionadas com os recursos naturais.

Uma sondagem – CM2 – realizada a norte do esteiro da Carrasqueira, próximo do topónimo da Torre, permitiu identificar um nível composto por argilas ricas em restos vegetais com muitas conchas de bivalves provenientes de ambiente marinho. Os cientistas identificaram este nível com um paleoambiente de alto sapal, considerando que esta zona deveria integrar-se no vale estuarino do Guadiana (BOSKI *et al.*, 2002; CAMACHO, 2004). O cordão arenoso de Monte Gordo – sondagem CM4- resultou da sedimentação arenosa do estuário, onde poderá ter ancorado a barra da ponta oriental da ilha-barreira (BOSKI *et al.*, 2002).

Recentemente Tomasz Boski¹² realizou três perfurações na margem direita da ribeira de Cacela, no sopé da arriba miocénica. Foi possível obter datações de radiocarbono de conchas recolhidas a 295 cm – sondagem C1– e 350 cm – sondagem C2 – de profundidade: 1075 anos calibrados BP e 1030 anos calibrados BP.

Estas sondagens confirmam que a sedimentação do canal marinho de Cacela aconteceu de forma progressiva em data posterior ao século X.

CONCLUSÃO

A existência e missão do castelo de Cacela ou *Qastalla* entre os séculos X e XIII deve ser entendida pelas características geomorfológicas do meio. Situava-se a pouca distância do extremo oeste do delta do rio Guadiana e na entrada oriental da Ria de Faro, conhecida atualmente por Ria Formosa. Ponto de confluência de um ecossistema marinho que se estendia cerca de 60 quilómetros paralelo à linha de costa até Faro e de um ecossistema marinho-fluvial, que dava acesso ao interior agrícola e metalífero do Alto Guadiana.

O termo (área de jurisdição) de Cacela era vasto, como vimos, abrangendo a região desde a foz do Guadiana até Alcoutim, a zona serrana para ocidente, até descer novamente para o mar, pela ribeira de Almargem.

O Castelo controlava o acesso das embarcações ao rio interior que ligava à cidade mercantil de Faro e funcionava como porto de hospedagem das embarcações que aguardavam por condições favoráveis para navegar no Guadiana. Atingir o porto de Mértola no Alto Guadiana exigia perícia. Os mareantes preferiam aguardar pela subida da maré, que influenciava o caudal do rio e as embarcações subiam o rio com a corrente evitando os baixios. Navegar à bolina enfrentando os ventos norte era igualmente tarefa quase impossível, devendo a navegação aguardar por

⁷ *Portugalliae que olim Lusitania, novissima & exactissima descriptio (...)*. Biblioteca Nacional Digital: <http://purl.pt/index/cart/aut/PT/46822.html> (acesso: 10-10-2014).

⁸ *Portugalliae que olim Lusitania, novissima & exactissima descriptio (...)*. Biblioteca Nacional Digital: <http://purl.pt/index/cart/aut/PT/46822.html> (acesso: 10-10-2014).

⁹ *Description del reyno de Portugal y de los reynos de Castilla que confinam com su frontera (...)*. Biblioteca Nacional Digital: <http://purl.pt/16992/2/> (acesso: 10-10-2014).

¹⁰ A designação “Ria Formosa” é recente e será contemporânea da criação de uma marca turística para a região.

¹¹ *Portugalliae meridionales plagae (...)*. Biblioteca Nacional Digital: <http://purl.pt/4079> (acesso: 10-10-2014).

¹² Agradecemos a Tomasz Boski, investigador da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade do Algarve, a sua gentileza em conceder informação sobre os dados obtidos em trabalho de campo realizado em 2013 e ainda não publicados.

ventos de sudeste ou sudoeste para enfrentar o rio. A descida do rio era mais tranquila, podendo-se apreciar a paisagem.

Os almóadas (séc. XII e primeira metade do séc. XIII) perceberam bem a competência desta faixa costeira, inserindo-a de imediato na organização estratégica do império. Por ser assim, nos primeiros anos de consolidação política do Al-Andalus, o castelo de Cacela foi ocupado e convertido na base de apoio terrestre e naval das forças almóadas no extremo ocidente. Assim, o castelo de Cacela, ampliou a sua área habitacional, ocupando a zona da várzea junto da foz da ribeira das Hortas. Este conjunto de construções pode ter sido um bairro portuário. A variabilidade das ocorrências nos estratos arqueológicos sugere que a recolha destes moluscos integrava o quotidiano dos moradores do castelo de Cacela, pela sua relação directa com o espaço lagunar do delta do Guadiana, do rio de Faro e da orla costeira.

De facto, a reconstituição paleo-ambiental constitui um elemento fundamental na compreensão da História do povoamento humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÃO, J. 1988. *O domínio romano em Portugal*. Mem Martins: Europa-América. 244p.
- ALEMPARTE, J.F. 1999. *Arribadas de normandos y cruzados a las costas de la Península Ibérica*. Madrid: Sociedad Española de Estudios Medievales, 249p.
- AL-IDRĪSĪ. 1866. *Description de l'Afrique et de l'Espagne*, traducción, notas y glosario de R. DOZY & M.J. D GOEJE. Leyde: E.J. Brill. 673p.
- ANDRADE, C.F. 1990. *O ambiente de barreira da Ria Formosa. Algarve, Portugal*. Dissertação de Doutoramento. Departamento de Geologia, Universidade de Lisboa. 645p.
- BARATA, M.F. 1997. O Promontorium Sacrum e o Algarve entre os escritores da Antiguidade. *Noventa Séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: IPPAR. p. 117-133.
- BARROCA, M.J. 2000. *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia. 4 Volumes. 3090p.
- BORJA, F.; ZAZO, C.; DABRIO, C.J.; OLMO, F.D.; GOY, J.L. & LARIO, J. 1999. Holocene aeolian phases and human settlements along the Atlantic coast of southern Spain. *The Holocene*, **9**(3): 333–339.
- BOSKI, T.; MOURA D.; VEIGA-PIRES, C.; CAMACHO, S.; DUARTE, D.; SCOTT, D.B. & FERNANDES, S.G. 2002. Postglacial sea-level rise and sedimentary response in the Guadiana Estuary, Portugal/Spain border. *Sedimentary Geology*, **150**: 103-122.
- CAMACHO, S. 2004. *Evolução paleoambiental holocénica dos estuários dos rios Guadiana e Arade com base nas associações fósseis de foraminíferos bentónicos*. Dissertação (Mestrado em Estudos Marinhos e Costeiros). Universidade do Algarve. 137p.
- CAVACO, H. 1984. *A antiga vila de Cacela e o seu alfoz. «1283-1983» (Elementos Para Uma Sistematização Historiográfica)*. Vila Real de Santo António: Câmara Municipal de Vila Real de Santo António. 127p. + 14 Gravuras + 1 Mapa.
- COELHO, A.B. 2008. *Portugal na Espanha Árabe*. 3ª ed. Lisboa: Editorial Caminho. 600p.
- CRÓNICA GERAL DE ESPANHA DE 1344 (ed. L. F. L. CINTRA), 2009 (4 volumes). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (2ª edição). 606+486+456+556p.
- DALCHÉ, P.G. 2005. *Du Yorkshire à l'Inde: Une 'géographie' urbaine et maritime de la fin du XIIIe siècle (Roger de Howden?)*. Geneva: Droz, 301p.
- GARCIA, C. 2008. *Cacela, terra de Levante. Memórias da paisagem algarvia*. Vila Real de Santo António: Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e Campo Arqueológico de Mértola. 199p.
- GARCIA, C. 2015. *Cacela-a-Velha no contexto da actividade marítima e do povoamento rural no sudoeste peninsular nos séculos XII-XIV*. Tese de Doutoramento. Universidade de Huelva. 418p.



- GARCIA, C. 2015. Cacela-a-Velha en el contexto de las actividades marítimas del Gharb-al-Andalus. *Revista Onoba*, 3: 205-215.
- GARCIA, C. 2016. A arquitectura do Bairro Islâmico do Poço Antigo em Cacela-a-Velha, Algarve. *Arqueologia Medieval*. 13: 91-101.
- GARCIA, C.; OLIVEIRA, C.; DORES, P. & GODINHO, M. 2012. Primeiros resultados da análise dos restos faunísticos do Bairro Islâmico do Poço Antigo em Cacela. In: GOMÉZ MARTÍNEZ, S. (Ed.) *Memória dos Sabores do Mediterrâneo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 215-222.
- GARCIA, C.; VALENTE, M.J.; DORES, P.; CURATE, F.; VEIA, J.; OLIVEIRA, C.; GODINHO, M.; GOMÉZ, S.; FRAGA, L.; MACEDO, S.; CALADO, D. & FANTASIA, J. 2013. O estudo arqueológico de Cacela na Idade Média. Actividades de 1998 a 2013. VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. Aroche – Serpa, Ayuntamiento de Aroche, p.1015-1023.
- KOPP, E.; SOBRAL, M.; SOARES, T. & WOERNER, M. 1989. *Os solos do Algarve e as suas características. Vista geral*. Portimão: MAPA - GDHEA - DRAA - GTZ. 180p.
- LÉVI-PROVENÇAL, E. 1953. La Description de l'Espagne d'Ahmad al-Rāzi. *Al-Andalus*, 18: 51-108.
- LIVRO DOS COPOS. 2006. *Militarium Ordinum Analecta* (dir. A. da FONSECA), nº 7. Porto: Fundação Engº António de Almeida. 767p.
- LOPES, J. B. da S. (ed.). 1999. *A cidade de Silves num itinerário naval do século XII por um cruzado anónimo*. Ed. 'fac-simile' de 1844. Lisboa: Távola Redonda. 290p.
- LÓPEZ MELERO, R. 1987. El mito de las Columnas de Hércules y el Estrecho de Gibraltar. Actas del Congreso Internacional "El Estrecho de Gibraltar". RIPOLL, E. (Ed.), Ceuta, Universidad Nacional de Educación a distancia, Ayuntamiento de la ciudad de Ceuta. p. 615-642.
- MARQUES, J.M. da S. 1944. *Descobrimientos Portugueses. Documentos para a sua História*. Volume I, Lisboa: Instituto para a Alta Cultura. 741p.
- RAMALHO, M.M. 1987. 400 milhões de anos de História do Algarve. *Anais do Município de Faro*, 17: 181-237.
- SILVA, L.F. 2005. Tavira Romana. <http://www.arkeotavira.com/balsa/tavira/>, (acesso: Outubro de 2014).
- SILVA, I.L.S. & PIMENTA, M.C.G. 1992. Castro Marim: uma comenda da Ordem de Cristo. *Cadernos Históricos (Lagos)* 3: 62-97.
- VALENTE, M.J.; GOMES, J.D.; GOUFA, E. & GARCIA, C. 2013. Primeiros dados sobre as faunas de invertebrados do Largo da Fortaleza de Cacela Velha (Vila Real de Santo António, Portugal): da alimentação à caracterização ecológica. VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular. Aroche – Serpa, Ayuntamiento de Aroche, p.1175-1190.
- VANNEY, J.-R. & MÉNANTEAU, L. 2004. *Géographie du golfe ibéro-marocain*. Lisboa: Instituto Hidrográfico da Marinha. Memórias técnicas, 37, 228 p.
- VENTURA, L. & OLIVEIRA, A.R. 2006. *Chancelaria de D. Afonso III*, Livro I, vol. 1. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 470p.